

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO: O ENSINO DE HISTÓRIA - DIFERENTES FONTES E LINGUAGENS

Danilo Ribeiro Patez

Docente da Universidade do Estado da Bahia-UNEB.

<http://lattes.cnpq.br/7081597491725825>

<https://orcid.org/0000-0003-4410-8921>

E-mail: patezribeiro@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N2>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N2-40>

RESUMO: Este artigo resulta das experiências vivenciadas durante o Estágio Curricular Supervisionado III no Ensino Fundamental II e tem como objetivo refletir sobre a utilização de diferentes fontes e linguagens no ensino de História como estratégias para a dinamização das práticas pedagógicas e para a construção de uma aprendizagem mais significativa. Inicialmente, apresenta-se uma breve discussão acerca da trajetória do ensino de História no Brasil e das transformações ocorridas na disciplina ao longo do tempo. Em seguida, analisa-se a importância da incorporação de novas metodologias e recursos didáticos, como imagens, filmes, músicas e aulas de campo, no processo de ensino-aprendizagem. A pesquisa fundamenta-se nas contribuições teóricas de Fonseca (2003), Langer (2009), França e Simon (2008), entre outros autores que discutem o ensino de História e o uso de diferentes linguagens na educação. Por meio da observação da prática docente e das experiências desenvolvidas durante a regência, foi possível constatar que a utilização de múltiplas fontes históricas contribui para tornar as aulas mais dinâmicas, participativas e próximas da realidade dos estudantes, favorecendo a formação de sujeitos críticos e reflexivos.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História. Estágio Supervisionado. Metodologias de Ensino. Fontes Históricas. Aprendizagem Significativa.

SUPERVISED CURRICULAR INTERNSHIP: HISTORY TEACHING - DIFFERENT FONTS AND LANGUAGES

ABSTRACT: This article results from experiences during the Supervised Curricular Internship III in Elementary School II and aims to reflect on the use of different sources and languages in teaching History as strategies for streamlining pedagogical practices and building more meaningful learning. Initially, a brief discussion is presented about the trajectory of History teaching in Brazil and the transformations that have occurred in the discipline over time. Next, the importance of incorporating new methodologies and teaching resources, such as images, films, music and field classes, into the teaching-learning process is analyzed. The research is based on the theoretical contributions of Fonseca (2003), Langer (2009), França and Simon (2008), among other authors who discuss the teaching of History and the use of different languages in education. Through observation of teaching practice and experiences developed during the regency, it was possible to verify that the use of multiple historical sources contributes to making classes more dynamic, participatory and close to the students' reality, favoring the formation of critical and reflective subjects.

KEYWORDS: History Teaching. Supervised Internship. Teaching Methodologies. Historical Sources. Meaningful Learning.

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto das experiências vivenciadas na graduação em Licenciatura em história, na disciplina Estágio Curricular Supervisionado III, a partir da experiência vivenciada durante o estágio realizado na Escola Municipal Joaquim Muniz de Almeida Neto. Busca-se refletir sobre o papel do professor regente no processo de ensino-aprendizagem diante das novas tecnologias, considerando-as como possibilidades para a construção de novas abordagens e metodologias em sala de aula.

Muito tem sido discutido no meio acadêmico acerca da utilização de diferentes fontes e recursos no ensino de História, especialmente nas disciplinas de laboratório de ensino, que enfatizam a importância da incorporação de novas tecnologias e metodologias à prática docente. A inserção desses recursos nas aulas torna-se necessária, uma vez que a sociedade contemporânea se caracteriza por constantes transformações. A todo momento surgem novas ferramentas, linguagens e formas de interação, e as novas gerações acompanham essa dinâmica, demonstrando interesse por experiências de aprendizagem mais diversificadas e participativas.

Nesse contexto, a proposta não é mais conceber o estudante como um sujeito passivo no processo educativo, mas promover sua participação ativa na construção do conhecimento. Para que isso aconteça, é fundamental que os alunos sejam instigados, motivados e desafiados a interagir com os conteúdos e com as diferentes possibilidades de aprendizagem oferecidas pelo ambiente escolar.

Como aporte teórico, serão utilizadas as contribuições de Fonseca (2003), que propõe uma reflexão sobre a didática e a prática do ensino de História, dialogando com novas fontes e linguagens, especialmente na relação entre Literatura e História. Também será mobilizado o trabalho de Langer (2010), que aborda o ensino de História por meio dos quadrinhos medievais, utilizando a imagem como fonte histórica na construção do conhecimento histórico. Além disso, recorre-se a Fonseca (2006), que discute a trajetória

do ensino de História no Brasil, e a Souza e Pires (2010), que analisam os desafios enfrentados pelo ensino de História ao longo de seu desenvolvimento histórico no país.

UM BREVE PANORAMA SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL

O ensino de História no Brasil, desde a chegada dos europeus até os dias atuais, passou por profundas transformações. Durante o período colonial, a educação esteve sob a responsabilidade da Companhia de Jesus, principal ordem religiosa atuante no território brasileiro. Nesse contexto, o ensino de História possuía forte caráter religioso, estando fundamentado, sobretudo, nas narrativas bíblicas e nos princípios da fé cristã.

De acordo com Fonseca (2006, p. 21), “da Idade Média ao século XVII predominou uma História apoiada na religião e marcada por uma concepção providencialista, segundo a qual o curso da história humana definia-se pela intervenção divina”. Essa concepção influenciou significativamente a forma como o conhecimento histórico era compreendido e transmitido durante esse período.

Somente ao longo do século XIX a História passou a se consolidar como disciplina escolar. Contudo, seu ensino permanecia fortemente associado à valorização dos feitos dos chamados “grandes homens” e à formação moral e cívica dos estudantes. Além disso, a disciplina desempenhava um importante papel na construção de uma identidade nacional, contribuindo para a formação de cidadãos alinhados aos interesses do Estado e ao projeto de nação em construção.

Foi também nesse período que surgiram os primeiros manuais didáticos de História, responsáveis por organizar os conteúdos e orientar as práticas pedagógicas. Nesse processo de institucionalização da disciplina, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) exerceu papel fundamental, contribuindo para a definição de conteúdo, métodos e concepções historiográficas que influenciaram o ensino de História nas escolas brasileiras durante grande parte do século XIX e das primeiras décadas do século XX.

É importante considerar que é naquele final do século XIX e início do século XX, a partir dos manuais e compêndios educacionais produzidos sobre forte influência do IHGB, baseado na questão da nacionalidade e da moral, que a história como ciência vai-se consolidando enquanto

disciplina e ganhando mais metodologias apuradas (Souza; Pires, 2010, p.2).

Mesmo assim, o ensino de História continuou pautado nos feitos dos chamados “grandes homens”, uma vez que a disciplina era utilizada como instrumento de exaltação da nação e de formação de cidadãos com fortes sentimentos nacionalistas. Anos mais tarde, durante a Ditadura Militar, a disciplina História foi retirada dos currículos escolares, dando lugar aos Estudos Sociais. Houve, assim, uma espécie de fusão entre História e Geografia, transformando essa nova disciplina em um instrumento utilizado pelo Estado para difundir suas concepções políticas e ideológicas.

Somente a partir da década de 1980, com o processo de abertura política e redemocratização do país, o ensino de História começou a passar por importantes transformações. Sob a influência da historiografia marxista e da Escola Inglesa, a disciplina passou a ser concebida como um espaço de formação de cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade. Entretanto, mesmo com o fim da ditadura e as reformulações ocorridas no ensino de História, Silva e Fonseca (2010) afirmam que ainda persistem velhos e novos desafios que precisam ser enfrentados pelos professores e futuros docentes da área.

Na atualidade, o ensino de História passou a contemplar sujeitos históricos que, durante muito tempo, foram esquecidos, silenciados ou representados de forma estereotipada nos livros didáticos e nas práticas escolares. Entre esses grupos destacam-se as populações afro-brasileiras e indígenas. Nesse contexto, a Lei nº 10.639/2003 tornou obrigatório o ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira nas escolas, contribuindo para a valorização da memória e da trajetória histórica da população negra no Brasil. Tal medida representa um importante avanço, uma vez que a sociedade brasileira é marcada pela diversidade cultural e étnica.

Posteriormente, a Lei nº 11.645/2008 ampliou essa proposta ao incluir também a obrigatoriedade do ensino da História e da Cultura dos povos indígenas brasileiros nas instituições públicas e privadas de ensino. Dessa forma, ambas as legislações buscam promover uma educação mais inclusiva e representativa da pluralidade cultural existente no país.

Partindo da perspectiva de novas abordagens e de práticas pedagógicas diversificadas, este trabalho propõe discutir, a partir das experiências vivenciadas em sala de aula, a utilização de diferentes fontes históricas no Ensino Fundamental II, para além do livro didático, refletindo sobre suas potencialidades para a construção de um ensino de História mais dinâmico, crítico e significativo.

O ENSINO DE HISTÓRIA PARA ALÉM DO LIVRO DIDÁTICO

Como visto anteriormente, o ensino de História passou por um longo processo de transformação até chegar à configuração que possui atualmente. A educação ocorre de diferentes formas e em variados espaços, não se restringindo apenas ao ambiente escolar. Nesse sentido, o educando chega à sala de aula trazendo consigo conhecimentos prévios construídos a partir de suas experiências e vivências cotidianas.

Partindo dessa perspectiva, é fundamental que o professor de História tenha clareza e sensibilidade para incorporar novas abordagens e metodologias em sua prática pedagógica, aproximando o conhecimento escolar das realidades vividas pelos estudantes. Ao estabelecer essa relação entre os conteúdos históricos e as experiências dos educandos, o processo de ensino-aprendizagem torna-se mais significativo, favorecendo a participação dos alunos e a construção de uma compreensão crítica da realidade social.

Ao incorporar diferentes linguagens no processo de ensino de história, reconhecemos não só a estreita ligação entre os saberes escolares e a vida social, mas também a necessidade de (re)construirmos nosso conceito de ensino aprendizagem (Fonseca, 2003, p.164).

O aluno não é uma tábula rasa. Ele vive em uma sociedade em constante transformação, na qual possui acesso à televisão, à internet, ao celular e a diferentes meios de comunicação. As informações circulam de forma rápida e chegam até ele a todo momento. Nesse sentido, a escola precisa estar atenta a essa realidade para utilizar essas novas tecnologias a seu favor, incorporando-as também como ferramentas para o ensino de História.

Nos últimos anos, muito se tem criticado o livro didático e, por vezes, ele tem sido apresentado como um vilão no processo de ensino-aprendizagem. Entretanto, é preciso

compreender que o livro didático constitui uma importante ferramenta para o professor e, como qualquer ferramenta, necessita ser utilizado de maneira adequada. Contudo, muitos docentes, seja por falta de formação específica, seja por desmotivação, acabam adotando o livro didático como único recurso metodológico, seguindo-o de forma rígida. Tal prática pode tornar as aulas repetitivas e pouco atrativas, contribuindo para o desinteresse dos estudantes pela disciplina.

O educando está inserido em um mundo marcado por constantes mudanças, em que aquilo que hoje é novidade rapidamente se torna ultrapassado. Diante dessa realidade, surge um importante desafio para o professor de História: como despertar o interesse dos alunos por uma disciplina que, muitas vezes, é associada apenas ao estudo do passado?

É comum ouvir afirmações como: “Que disciplina chata!”, “O professor só manda copiar atividades do livro ou do quadro e responder questões” ou ainda “Decorar datas para quê? Quem vive de passado é museu”. Essas frases, frequentemente pronunciadas por alguns estudantes, podem, à primeira vista, parecer apenas manifestações de desinteresse. No entanto, elas precisam ser analisadas com atenção pelos professores, pois muitas vezes refletem práticas pedagógicas que contribuem para a construção dessa visão negativa da disciplina.

Nesse sentido, França e Simon (2008) afirmam que o processo pedagógico escolar é intencional, exigindo que tanto o professor quanto o aluno tenham clareza acerca dos objetivos da aprendizagem para que esta se torne significativa. Assim, o docente comprometido com uma educação emancipadora, crítica e transformadora buscará diferentes estratégias para alcançar esses objetivos, criando condições para que os estudantes desenvolvam uma compreensão mais ampla e significativa do conhecimento histórico.

É nesse contexto que ganham relevância as novas abordagens e metodologias de ensino, como a utilização da música, das imagens, dos filmes, da literatura e de outras linguagens presentes no cotidiano dos estudantes. Esses recursos possibilitam a aproximação entre o conhecimento histórico e a realidade dos educandos, tornando as aulas mais dinâmicas, participativas e despertando maior interesse pela disciplina.

USOS DE FILMES, MÚSICAS NO ESTÁGIO DE REGÊNCIA

Durante o estágio de regência, antes de assumir a turma, realizei inicialmente a etapa de observação. Nesse processo, pude acompanhar a prática pedagógica da professora regente e analisar as metodologias utilizadas em sala de aula. Ao longo das observações, percebi que suas aulas eram dinâmicas e participativas. Embora utilizasse o livro didático, este servia apenas como um suporte para o desenvolvimento dos conteúdos.

Além do livro, a professora buscava constantemente incorporar outros materiais e diferentes fontes na construção de suas aulas. Para aproximar os estudantes dos temas estudados, utilizava imagens, filmes, músicas e outros recursos didáticos, tornando as aulas mais atrativas e favorecendo uma participação mais efetiva dos alunos no processo de ensino-aprendizagem.

“O professor precisa desenvolver diversas metodologias que despertem o interesse, estimulem a criatividade, a observação e a problematização dos conteúdos a partir do auxílio dessa ferramenta pedagógica” (França; Simon, 2008, p. 3).

Uma das aulas que mais marcou minha memória teve como tema a Sociedade Mineradora. Para trabalhar esse conteúdo, a professora preparou uma aula expositiva com apresentação em data show, fundamentada na obra **Desclassificados do Ouro** (2004), da historiadora Laura de Mello e Souza. Durante a aula, utilizou diversas imagens que despertaram a atenção dos estudantes e serviram como ponto de partida para o debate. Pude perceber que a metodologia adotada pela professora despertou o interesse da turma, fazendo com que os alunos demonstrassem curiosidade e realizassem diversos questionamentos sobre o tema abordado. Dessa forma, a aula mostrou-se produtiva tanto para a professora quanto para os estudantes.

Segundo Langer (2009), professores e alunos podem compreender as imagens como fontes históricas e, a partir delas, refletir sobre aquilo que observam, construindo interpretações e novas compreensões acerca do conhecimento histórico. Nesse sentido, a utilização de imagens em sala de aula contribui para ampliar as possibilidades de leitura e interpretação da História, tornando o processo de aprendizagem mais significativo.

No momento em que assumi a turma, também procurei dinamizar as aulas como forma de despertar o interesse dos estudantes. Uma das estratégias adotadas foi a utilização do filme como recurso paradidático. Ao trabalhar o conteúdo relacionado à Revolução Industrial, inicialmente realizei uma aula expositiva sobre o tema e, posteriormente, utilizei o filme *Tempos Modernos*, de Charles Chaplin, como complemento da discussão.

Mesmo sendo uma produção em preto e branco, o filme conseguiu prender a atenção dos estudantes. Durante o debate realizado após a exibição, os alunos estabeleceram relações entre os conteúdos estudados e as situações apresentadas na obra cinematográfica. A partir dessas reflexões, procurei aproximar o tema da realidade local, propondo que realizassem uma pesquisa sobre as indústrias existentes na cidade de Teixeira de Freitas.

Conforme destaca Santos (1994), do ponto de vista didático-pedagógico, a aprendizagem torna-se relevante quando é significativa para o aluno e quando este se reconhece como sujeito da História. Essa perspectiva pôde ser observada durante os debates, quando diversos estudantes relataram possuir familiares que trabalham em indústrias da cidade, como a Grendene, empresas do setor de beneficiamento de granito, entre outras. Com base nessa experiência, foi possível perceber que a atividade foi satisfatória tanto para mim quanto para os estudantes, que participaram ativamente da aula por meio de perguntas, reflexões e relatos vinculados ao seu cotidiano.

Além da utilização de filmes, imagens e músicas como recursos de apoio ao ensino, é importante que o professor busque proporcionar aos estudantes experiências em outros espaços educativos, para além daqueles delimitados pelos muros da escola. Nesse contexto, as aulas de campo constituem importantes ferramentas para aproximar os alunos do conhecimento histórico.

Um exemplo seria a realização de visitas a aldeias indígenas da região, possibilitando o desenvolvimento de atividades que contemplem as determinações da Lei nº 11.645/2008. Essa experiência permitiria aos estudantes compreender que os povos indígenas não pertencem apenas ao passado ou às representações estereotipadas frequentemente encontradas nos livros didáticos. Pelo contrário, são sujeitos históricos

que continuam presentes na sociedade contemporânea, participando ativamente da construção da realidade brasileira.

Experiências dessa natureza enriquecem o ensino de História, pois aproximam os estudantes das diferentes realidades sociais e culturais, contribuindo para a desconstrução de preconceitos e visões equivocadas. Da mesma forma, outros espaços da própria cidade podem se transformar em ambientes de aprendizagem histórica. Uma praça, por exemplo, pode ser utilizada como objeto de investigação, permitindo que os estudantes compreendam sua origem, suas transformações ao longo do tempo e sua importância para a memória coletiva da comunidade.

Essas são algumas das inúmeras possibilidades que podem ser incorporadas ao ensino de História. Muitas delas não dependem de grandes recursos financeiros, mas, sobretudo, da iniciativa do professor e do apoio da escola para que novas experiências de aprendizagem possam ser desenvolvidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção de novas abordagens no contexto escolar é não apenas possível, mas também necessária diante das transformações vivenciadas pela sociedade contemporânea. Para isso, é fundamental que o professor desenvolva sensibilidade para compreender as necessidades dos estudantes e reconheça que diferentes metodologias e recursos podem enriquecer significativamente o processo de ensino-aprendizagem. Entretanto, é importante ter clareza de que tais abordagens não devem ser utilizadas de forma aleatória ou apenas para preencher o tempo da aula. O uso de filmes, músicas, imagens, literatura ou quaisquer outros recursos pedagógicos exigem planejamento, contextualização e objetivos bem definidos. Caso contrário, corre-se o risco de produzir um efeito contrário ao esperado. Nesse sentido, Santos (1994) ressalta que o filme pode constituir uma importante metodologia para o ensino, desde que o professor tenha clareza sobre seus objetivos e sobre a forma como esse recurso será integrado ao conteúdo trabalhado.

As experiências vivenciadas durante o estágio supervisionado possibilitaram compreender a relevância da utilização de diferentes linguagens e fontes no ensino de

História. Mais do que grandes investimentos, muitas vezes o que se faz necessário é uma postura docente comprometida com a inovação pedagógica e com a construção de aulas mais significativas para os estudantes. Contudo, a escola também desempenha um papel fundamental nesse processo, pois a implementação dessas práticas depende, em muitos casos, do suporte institucional e da disponibilidade de recursos materiais adequados. A utilização de filmes, músicas, apresentações multimídia e outras ferramentas, por exemplo, requer equipamentos e condições que permitam sua efetiva realização.

Embora muitos desafios ainda permaneçam presentes na construção de uma educação crítica, democrática e emancipadora, acredita-se que eles podem ser enfrentados por meio do compromisso e da reflexão constante sobre a prática docente. Nesse sentido, cabe aos professores de História e aos futuros profissionais da área buscar metodologias que despertem o interesse dos estudantes, promovam a participação ativa e contribuam para a formação de sujeitos capazes de compreender e transformar a realidade em que vivem.

Por fim, compreende-se que cada aula, cada atividade planejada e cada diálogo estabelecido em sala de aula possuem o potencial de marcar a trajetória dos estudantes. Nem sempre será possível alcançar todos os alunos da mesma maneira, mas cada avanço, por menor que pareça, representa uma conquista importante. Assim como uma semente germina e, com o tempo, transforma-se em uma árvore capaz de produzir frutos, o trabalho do educador também gera impactos que muitas vezes ultrapassam os limites da escola e se manifestam ao longo da vida dos estudantes. É nesse potencial transformador da educação que reside a importância de continuar buscando novas possibilidades para o ensino de História, tornando-o cada vez mais significativo, crítico e conectado à realidade dos educandos.

REFÊNCIAS

BENTO, Luis Carlos. **Livro didático e historiografia**: um debate acerca do conceito de História produzido pelos livros didáticos, entre 2001 e 2005. In: Livro didático e historiografia. Jussara, GO, 2008. p. 1-17.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008.

FRANÇA, Cintya Simioni; SIMON, Cristiano Biazzo. **Como conciliar o ensino de história e novas tecnologias.** In: SEMANA DE PEDAGOGIA DA UEL – SEPECH, 2008, Londrina. Anais [...]. Londrina: UEL, 2008.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados.** Campinas, SP: Papyrus, 2003.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. **História e ensino de história.** 2. ed. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ROSA, Maria Inês Petrucci; RAMOS, Tacita Ramos Ansanello. **Memórias e odores: experiências curriculares na formação docente.** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 13, n. 39, p. 565-580, set./dez. 2008.

SANTOS, Maria Lucia Lopes. **O uso de filmes no ensino de história.** Curitiba: Secretaria de Estado da Educação do Paraná, Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), 1994.

SILVA, Marcos Antônio da; FONSECA, Selva Guimarães. **Ensino de história hoje: errâncias, conquistas e perdas.** Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 30, n. 60, p. 13-33, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882010000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 maio 2026. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882010000200002>.

SOUZA, Renato João de; PIRES, João Ricardo Ferreira. **Os desafios do ensino de História no Brasil. Professores em Formação: ISEC/ISED N° 1, 2º semestre, 2010.**

Submissão: novembro de 2025. Aceite: dezembro de 2025. Publicação: abril de 2026.